



Contos africanos e saberes geográficos: reflexões a partir da Educação Tradicional Africana

African tales and geographic knowledge: reflections from African Traditional Education

Cuentos africanos y conocimientos geográficos: reflexiones desde la Educación Tradicional Africana

Senakpon Fabrice Fidèle Kpoholo¹

Educador, Doutor em Educação Pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, Brasil

Recebido em: 25.02.2022

Aceito em: 02.05.2022

Resumo

O presente texto apresenta uma breve reflexão acerca dos contos africanos. O objetivo é mostrar como eles integram a Educação Tradicional Africana, sendo ferramentas potentes de enredamento de saberes. No caso específico deste texto, busquei elucidar saberes geográficos presentes nos contos africanos. Para isso, foi necessário contextualizá-los a partir da Educação Tradicional Africana, buscar subsidio em uma língua africana do oeste da África e dialogando com alguns autores africanos. Um conto africano foi trazido para ilustrar as reflexões e ajudar o leitor na sua compreensão. Ao longo do texto, foram apontados alguns conceitos geográficos específicos que se encontram presentes nos contos africanos.

Palavras-chave: Cultura Africana. Conto Africano. Educação Tradicional Africana. Oralidade Africana.

Abstract

The present text presents a brief reflection on African tales. The objective is to show how they are part of African Traditional Education, being powerful tools to interweave knowledge. In the specific case of this text, I have tried to elucidate the geographic knowledge present in African tales. To do so, it was necessary to contextualize them based on African Traditional Education, to seek support in an African language from West Africa, and to dialogue with some African authors. An African tale was brought in to illustrate the reflections and help the reader to understand it. Throughout the text, some specific geographical concepts that are present in the African tales were pointed out.

Key Words: African Culture. African Story. African Traditional Education. African Orality.

Resumen

Este texto presenta una breve reflexión sobre los cuentos africanos. El objetivo es mostrar cómo forman parte de la educación tradicional africana, siendo poderosas herramientas para entrelazar conocimientos. En el caso concreto de este texto, he tratado de dilucidar el conocimiento geográfico presente en los cuentos africanos. Para ello, ha sido necesario contextualizarlos a partir de la Educación Tradicional Africana, buscar apoyo en una lengua

¹ fabrice19882000@yahoo.fr

africana de África Occidental y dialogar con algunos autores africanos. Para ilustrar las reflexiones y ayudar al lector a comprenderlas, se ha recurrido a un cuento africano. A lo largo del texto se han señalado algunos conceptos geográficos específicos presentes en los cuentos africanos.

Palabras clave: Cultura africana. Historia africana. Educación tradicional africana. Oralidad africana.

Introdução

Os contos africanos fazem parte de um conjunto de recursos usados pela Tradição Oral Africana (TOA) para que a Educação Tradicional Africana (ETA) possa cumprir com seu projeto de ser humano e de sociedade. Em um continente cujo modo de expressão verbal foi e continua sendo a forma privilegiada de documentação de saberes e conhecimentos, o conto é um gênero literário que merece atenção e reflexão.

A Tradição Oral Africana é o processo dinâmico pelo qual saberes, valores e práticas socioculturais são historicamente elaborados, a partir da visão ancestral africana de mundo, e cujo modo de ativação, de apropriação e de veiculação geracional é, prioritariamente, a oralidade. Seu currículo é formado por elementos como: mitos, contos, provérbios, charadas, lendas, epopeias, cantos, etc. Trata-se de um currículo que não tem uma sala de aula específica para seu acontecimento, mas, a vida cotidiana como um todo. Os professores não recebem necessariamente uma educação escolar, mas, são todos formados pela tradição e pela grande e permanente escola da vida.

O texto a seguir apresenta uma breve reflexão cuja finalidade é partir do conto africano para elucidar saberes geográficos presentes neles. Desconstruir a ideia de que eles são narrativas cuja finalidade seja apenas compartilhar uma lição de moral é fundamental. Como busquei mostrar ao longo do texto, há uma multiplicidade de saberes presentes implicitamente e explicitamente nos contos africanos. Eles têm objetivos claros e bem definidos. Porém, é preciso olhar e lê-los com uma visão de dentro para fora para apreender esses saberes. Por isso, estruturei o texto de forma a permitir ao leitor essa movimentação do interior para o exterior. Além disso, busquei estabelecer diálogos com autores africanos cujo modo de ver e pensar o mundo seja antes de tudo, africano.

O texto começa com um conto africano da autoria do etnólogo e genealogista africano Amadou Hampâté Bâ. Mas, antes de qualquer tentativa de reflexão acerca de saberes geográficos presentes em contos africanos, busquei situar o leitor sobre o que entendo por Educação Tradicional Africana. Isso é extremamente importante a partir do momento em que a finalidade educativa é um dos três objetivos do conto africano, porém, com base nos valores africanos e na visão ancestral africana de mundo.

Em seguida, destaquei os elementos principais que permitem que o conto possa atingir seus

objetivos e, à medida que esses elementos vão aparecendo, fui apontando saberes e conceitos geográficos tecidos por eles.

Por ser sujeito e produto da ETA, assumo, prioritariamente, a primeira pessoa do singular para me expressar.

Conto: a lição de humildade²

No reino de Soulé, em uma caverna localizada em um dos lados de uma montanha queimada pelo sol, chicoteada pelos ventos ou batida pelas chuvas, vivia um eremita chamado Soly. Ele só se alimentava de frutas selvagens e de mel dourado. Ele bebia apenas água de nascente e só saía para passear na floresta apenas no momento em que as abelhas estivessem coletando o pólen.

Um dia, um criador de boi que costumava ir lambar gulosamente as delicias das flores e das frutas selvagens se aventurou na montanha mais longe do que costumava. Ele notou o homem. Ele queria se aproximar dele para falar com ele, mas o solitário fugiu como se tivesse sido ameaçado por uma besta furiosa. Sua curiosidade despertou, o criador foi atrás dele. Entre as árvores e as rochas, eles se envolveram em uma corrida frenética e desordenada como dois ratos perseguindo um ao outro. No final, o eremita não tinha outro recurso a não ser se refugiar em sua caverna. O criador foi atrás dele, mas a caverna era vasta e suas galerias interiores se comunicavam entre si, de modo que não havia lugar para parar ou ser bloqueado.

Cansado, o criador parou de correr. Quando ele recuperou o fôlego, ele saiu da caverna e tomou o seu caminho de volta.

Ele foi direto para a casa do rei Seydou, chefe da terra e vassalo do grande Rei de Soulé. Ele disse-lhe: "Senhor! Eu vi com meus dois olhos na caverna sagrada, um homem vestido com folhas e fibras de plantas. Eu queria saber quem ele era e me aproximei para falar com ele, mas ele fugiu na minha frente como um bezerro ameaçado por uma hiena e eu não fui capaz de pegá-lo. Sem dúvida, esse homem é um santo? caso contrário, só pode ser um louco ou um diabo maligno. »

A curiosidade do rei foi despertada. Ele mandou chamar seu porta-espadas e seu chefe de guerra e de cavalos. Ele ordenou:

"Reúna nossas tropas e vá e identifique a montanha onde o criador aqui vai levá-lo. Em uma das cavernas sagradas desta montanha vive um homem, a menos que seja um demônio. Você tem que

² Extraído de: Hampâté Bâ. Amadou. Petit bodiel et autres contes de la savane. Abidjan. Stock, 1994. Tradução Livre por Senakpon Fabrice Fidèle Kpoholo.

trazê-lo para mim a todo custo. Se você não fizer isso, eu vou cortar sua garganta! Vão embora. »

Os soldados cercaram a montanha, bloquearam todas as estradas e começaram a subir em direção à caverna. O chefe chamou o eremita, gritando que o Rei queria conhecê-lo. Percebendo que caiu em uma armadilha, o solitário saiu do seu esconderijo e concordou em seguir os soldados. As tropas foram para o palácio do Rei Seydou.

Assim que o eremita foi introduzido na presença do Rei, o rei, à sua vista, foi tomado por uma emoção inexplicável. Seu coração ficou cheio de um profundo senso de respeito religioso. Ele gentilmente o questionou:

"Qual é o seu nome?"

Meu nome é Soly.

O que está fazendo na caverna da montanha?

Eu aprendo a dominar a mim mesmo e a me educar.

Por que você foge de seus semelhantes humanos como se fossem uma doença contagiosa repulsiva?

Não posso responder a sua pergunta, Ó Rei, pois você está no topo de uma montanha enquanto eu estou no fundo de um vale profundo. Minha palavra chegaria a você apenas como o eco moribundo de alguma voz distante. A distância entre nós é muito grande.

E o que seria preciso para que essa distância fosse removida e suas palavras chegassem ao alcance da minha alma?

Você teria que se tornar meu aluno dócil.

Estou pronto para ouvir seu ensinamento. Mas o que eu tenho que fazer para isso?

Saia do seu trono, troque suas belas roupas por vestimentas velhas e esqueça sua boa fortuna. E para não se arrepender de sua situação, se considerar atingido por um infortúnio e considerar que, qualquer que seja o rigor da adversidade em que você acabou de cair, há sempre um maior infortúnio do qual Deus preservou você por um efeito de sua misericórdia compassiva. »

O rei, sem acrescentar uma palavra, desceu de seu trono. Ele confiou a liderança de seu reino ao seu irmão, despojou-se de suas roupas ricas, e seguiu Soly. Ambos deixaram a cidade, subiram a montanha e entraram na caverna.

Lá, longe de qualquer animação, longe dos prazeres da vida e dos prazeres do comando, o rei Seydou aprendeu a meditar sob a orientação de Soly. Depois de um mês de exercício, ele percebeu que já havia se tornado muito melhor. Continuando seu esforço implacável, ele finalmente conseguiu romper as

passarelas que separam as criaturas. Ele percebeu com certeza a vaidade das situações humanas e ambições neste mundo tão efêmero. Ele penetrou no segredo das existências. Ele reconheceu que a razão de ser de cada criatura, da pedra inerte ao homem cujo pensamento produz tantas maravilhas, era necessária e insubstituível. Aprendeu a respeitar todos os seres vivos, animados ou inanimados, que povoam os três reinos da natureza. Esta consciência desenvolveu-se tão profundamente nele que ele não via mais nesta terra uma única coisa que valia menos do que sua própria pessoa.

Assim, diante do imenso progresso feito por seu discípulo, ele disse:

"Seydou, fico feliz em ver que você não é mais o rei arrogante para quem os outros homens eram apenas grãos de poeira apenas bom para serem pisados. Agora você sabe que cada coisa existente tem um lugar único que nenhum outro pode ocupar, que tudo é orientado e que tudo está gradualmente se movendo em direção ao Bem Supremo. Seu ser, eu sei, é penetrado por essa verdade e o orgulho é tão completamente banido de seu coração que você não vê mais uma coisa que lhe seja inferior.

É verdade, disse Seydou. Hoje me considero a mais baixa das criaturas.

Bem, antes de eu desvendar para você os nós que selam os segredos do Bem Supremo, você deve agora viajar pelo mundo e descobrir um ser ou coisa que você julgará que vale menos do que você. »

Seydou se despediu de seu Mestre. Ele evoluiu em direção a todos os rios da Terra. Ele subiu as montanhas, colinas e encostas. Ele visitou aldeias e cidades, palácios de reis e tavernas de ladrões. Ele consultou os idosos. Com os olhos, ele olhou para os céus e em espírito ele sondou os astros e as estrelas. Ele observou minuciosamente o que a maré alta está empurrando em direção ao continente e o que a maré baixa drena para as profundezas do mar. Em suma, ele observou todas as coisas, mas em nenhum lugar ele viu nada do que ele considerava menor do que ele mesmo. Sempre que considerava algo, mesmo o mais modesto, via nela uma virtude ou propriedade da qual ele mesmo era desprovido.

Finalmente, convencido de que ele estava realmente na parte inferior da escada, ele decidiu voltar para dizer ao seu mestre que ele não tinha encontrado, nesta terra, um único ser ou coisa inferior a ele.

No caminho de volta, chegou um momento em que ele sentiu, como se diz, a necessidade de "ir para o mato" para satisfazer uma necessidade natural. Ele entrou em um bosque. Ao examinar o chão, ele descobriu, todo seco, uma pequena pilha de excrementos que ele mesmo havia feito lá, em sua primeira passagem. "Finalmente! ele se alegra, eu encontrei o que eu estava procurando, porque, sem dúvida, eu sou pelo menos maior do que minhas próprias fezes! »

Ele avançou a mão para pegar a bola seca e trazê-la de volta para mostrá-la ao seu Mestre, mas,

surpreso, de repente ouviu uma multidão de pequenas vozes ecoando da bola! Cada grão, cada molécula desta velha matéria choramingava e implorava:

"Por favor, ó você, homem, poupe-nos o seu contato funesto! Originalmente, de flores perfumadas, éramos sementes perfumadas. No seu primeiro contato, fomos reduzidos à farinha, perdendo assim nossa virtude essencial de sermos capazes de nos reproduzir a fim de perpetuar nossa espécie. Quando entramos em contato com você pela segunda vez, fomos transformados em comida, e então, deve ser admitido, nos tornamos saborosos e nutritivos. Mas no terceiro contato, você nos introduziu em você. Dessa intimidade saímos fedendo! Por muitos dias fomos um objeto de nojo, levando os passantes pelo nariz e pela garganta. Agora que estamos finalmente higienizados pelo ar e endurecidos pelo sol, agora que deixamos de ser um "dejeito fedido" que não eram olhados por mais de uma vez, se você tocar em nos novamente, o que será de nós? Suplicamos você, siga seu caminho, ó filho de Adão, criatura vil e sublime! Tememos, se formos tocados por vocês, que desta vez nos tornemos em algo que nem fogo nem água nem ar jamais serão capazes de purificar novamente! »

Seydou, triste, voltou para seu Mestre. Ele contou-lhe de sua história e concluiu: "Eu sou realmente o mais vil dos seres, porque eu sou ainda menos do que meus próprios resíduos!"

O homem santo se levantou. Ele colocou as mãos na cabeça, na testa e no peito de Seydou. Ele lhe disse: "Meu irmão em Deus, sua alma atingiu o auge da sabedoria. Ser penetrado pela sensação de que se é o mais miserável das criaturas é o auge da vida espiritual. Vá para casa e pegue sua coroa de volta. Você estará agora entre o pequeno número de reis que não estão cegos pelo brilho de sua coroa. Você será um "Rei Iniciado". Luz e paz, amor e caridade só reinarão na Terra quando todos os que comandam forem, como você, iniciados. »

Aparentemente, a humanidade ainda está esperando por este dia feliz...

Educação tradicional africana

Abordar o conto africano através de um olhar geográfico assim como ressaltar os saberes geográficos presentes nele seria uma tarefa quase impossível se, antes de tudo, eu não me detenho primeiro a me debruçar sobre o elemento fundamental que permite realizar esse movimento: a Educação Tradicional Africana (ETA). Ela não deve ser compreendida como a educação escolar de origem europeia em seus moldes tradicionais de ensino/aprendizagem.

A ETA é algo propriamente africano. Ela é tão velha quanto às primeiras sociedades humanas estruturadas no continente africano. Ela tem sua própria abordagem metodológica, suas perspectivas teóricas, sua articulação espaço temporal, sendo a pessoa africana – através de todas as suas idades –

seu sujeito-alvo, na sua complexa e dinâmica relação com a comunidade à qual pertence.

No imaginário do sujeito que desconhece o paradigma ancestral africano, educação na África pode rimar com educação escolar europeu. Qualquer coisa fora dos moldes escolares europeus pode suscitar nele desconfiança em relação às capacidades dessa coisa de cumprir no sujeito e na sociedade, um projeto educativo de qualidade. Mas, como bem afirma Oliveira (2012):

Fundado na ciência moderna e na absolutização do saber formal como única forma de saber e na crença de que cabe à escolarização “elear” o educando da “cultura popular” à alta cultura, o modelo de escola herdado da modernidade capitalista, ocidental, burguesa cria e legitima exclusões. Ao mesmo tempo, promove a inferiorização discriminatória dos diferentes, universalizando particularismos, comprometidos com o projeto capitalista de progresso através do desenvolvimento ilimitado, viabilizado pela melhoria de produtividade e pela ampliação da acumulação (OLIVEIRA, 2012, p. 41).

Assim, acredito ser importante provocar uma compreensão da palavra escola mais alinhada com o olhar africano.

Na língua da etnia africana fon – a língua fongbè – escola pode ser traduzida pela expressão “*azò mè xwé*”. O que significa em português “a casa do trabalho/da profissão”. Quer dizer que a escola remete a um lugar para onde a pessoa vai no intuito de se preparar para exercitar uma profissão na sociedade. Porém, profissão na visão europeia da palavra.

Se eu fizer o movimento contrário, quer dizer, partir da própria língua fongbè para significar “escola” como lugar de estudo, ensino/aprendizagem, eu diria “*nú kplò gbà sà*”. O que pode ser traduzido por: “o espaço aberto em que se estuda a coisa”. Essa compreensão se deve primeiro ao fato de que, na língua fongbè, a expressão “*à gbà sà*” significa literalmente sala de estar. Logo, o campo espacial-psicológico ativado pela palavra expressão remete a um espaço mais amplo. Já, a palavra “*nú*” significa “coisa” que simboliza aqui objeto de estudo. O que engloba qualquer elemento que se encontra na realidade material e imaterial e que possa movimentar o intelecto humano. Inclusive, o ser humano em todas as suas dimensões.

Nessa perspectiva que acabei de esboçar, *estudar, ensinar, aprender, pensar, refletir, falar, pensar, agir, sentir, etc.* são verbos que convergem para um mesmo campo. O campo científico-espiritual. Por isso, o espaço aberto ao qual me referi ao falar de educar na perspectiva da etnia fon, remete à vida como um todo. Quer dizer, todos os espaços nos quais a vida acontece. Por isso, o ser humano como um dos agentes articuladores da vida social, há de estudar, (re)conhecer esses espaços e compreendê-los em suas realidades material e imaterial. Esse é justamente o propósito da Educação Tradicional Africana. Para isso, ela separa os educandos em dois grupos assim como os espaços de

aprendizagens.

O primeiro grupo é o das pessoas comuns, as pessoas não iniciadas. O segundo é o das pessoas iniciadas. O elemento comum entre esses dois grupos é que ambos têm acesso aos recursos e ferramentas que posso chamar de tronco comum da educação tradicional africana. São eles: os contos, os provérbios, as charadas, as lendas, as canções, os jogos. Eles também têm acesso à maioria dos lugares em que acontece o tronco comum dessa educação. Isto é, os lugares de acontecimentos da vida cotidiana em si: família, rua, casa, vizinhança, oficina, trabalho, etc.

Por outro lado, as pessoas iniciadas tem acesso a alguns espaços/lugares a mais. São todos os lugares considerados sagrados. Os lugares de iniciações, os territórios de manifestações espírito-religiosas.

Excluindo a escola que a vida cotidiana, familiar e social constitui e que enriquece a experiência do indivíduo, a iniciação representa uma instituição capital para a informação e para a formação do indivíduo. É através dela que ele tem acesso às categorias vegetais, minerais, animais, e humanas, tais como cada sociedade a representa na sua linguagem. É ela que lhe permite ultrapassar o conhecimento vulgar dos valores a que a sociedade se agarra, aprofundando o seu porquê. Assim, o cidadão deixa de ser um errante (um ahè, como dizem os Fô³) e torna-se um homem total, desabrochado, conhecendo o início da produção dos valores, e instituições ou talvez, até a sua origem (AGUESSY, 1980 p. 124).

Conhecer o porquê dos valores socioculturais, seus pontos de início e até mesmo suas origens implica uma abordagem que supera o saber tácito e envolve saberes científico-espíritos. Esses saberes são codificados através dos mitos iniciáticos aos quais os iniciados têm acesso durante o processo de iniciação. Vejamos o que diz Mbog Bassong (2014) filósofo, geólogo e grande iniciado camaronês a respeito dos mitos africanos.

Uma análise dos mitos negro-egípcios e negro-africanos permite identificar sua própria estrutura interna (uma teoria da evolução) e de dominar os princípios organizadores relacionados à vida social, econômica, política e ecológica. Jamais uma civilização estrangeira conseguiu tamanha condensação do Ser apreendido, afinal, como uma filosofia de vida indispensável (BASSONG, 2014, p. 37)

³ Grupo sociocultural localizado no sul da República do Benin.

Está impressa nesse trecho, toda a importância dos mitos africanos. Mas, como o foco aqui não é fomentar uma reflexão aprofundada acerca dos mitos africanos, volto para os dois grupos de pessoas que tinha mencionado anteriormente.

Existem dois outros elementos comuns a eles. Trata-se da moral e da ética. Ambas devem guiar o indivíduo em suas ações para um estado supremo que é a preservação da vida. E nesse sentido, não há uma vida que seja mais valiosa ou superior a outra.

Se a pessoa iniciada tem acesso a uma compreensão profunda da vida, da moral e da ética através da iniciação e dos saberes presentes nos mitos iniciáticos, a pessoa não iniciada faz esse processo através dos elementos supracitados que são: os contos, os provérbios, as charadas, as lendas, as canções, os jogos, etc., porém, de forma menos aprofundada, sem abrir mão da complexidade. É justamente sobre o conto como recurso de aprendizagem e de compreensão da vida que quero me apoiar para seguir adiante neste texto.

O conto africano e suas finalidades

A maioria das pessoas enxerga o conto africano como simples narrativas cuja finalidade é a “transmissão” de uma moral de vida. É fato que há uma moral presente em todo conto africano. Porém, dependendo da profundidade de compreensão do auditor do conto, ele consegue perceber nele, uma profunda dimensão ética e estética da vida. Porque o conto pode ser percebido como um dos derivados do mito, a priori, menos complexificada.

Partindo da área cultural fò, Aguessy (1980) enumera os termos que designa os gêneros de narrativas. São eles: Xó, tà, Xodjòxó, Yèxó, Xexó, glu, hwenùxó.

Xó queria dizer ‘história, acontecimento, notícias’; tà ‘história verdadeira respeitante ao passado familiar’; Xojoxó ‘narrativa histórica, datável’; yexó ‘conto de fadas’; glu ‘conto, fábula, anedota’; Xexó ‘conto’, ao passo que hwenùxó significaria (provisoriamente) ‘narrativa verdadeira ou lendária’ (AGUESSY, 1980, p. 129).

Cada um desses gêneros de narrativas representa uma derivação dos mitos. O glu (conto, fábula, anedota) é o mais conhecido pelas pessoas. E muitas vezes, ele é facilmente designado pelo hwenùxó (narrativa verdadeira ou lendária) na área cultural fò.

Ao se aproximar dos contos, é possível perceber três finalidades que lhes são inerentes.

(...) No primeiro nível, puramente recreativo, o conto visa entreter jovens e velhos; mas para as crianças que o contam por sua vez - ou melhor, o "brincam" - diante de sua família ou colega de classe, constitui também um aprendizado da linguagem e de certos mecanismos de pensamento.

Em outro nível, o conto é um suporte para o ensino e para a iniciação às regras morais, sociais e tradicionais da sociedade, na medida em que revela o que deve ser - ou não deve ser - o comportamento humano ideal dentro da família ou da comunidade. Por fim, o conto é dito iniciático "na medida em que ilustra as atitudes a imitar ou rejeitar, as armadilhas a discernir e as etapas a atravessar quando se está engajado no difícil caminho da conquista e da autorrealização (HAMPÂTÉ BÂ, 1994, p. 207)

Essa ênfase do autor evidencia claramente as três finalidades intrínsecas do conto africano. Tratam-se da finalidade lúdica, da finalidade educativa e da finalidade iniciática, embora esta última releve mais dos mitos sagrados do que dos contos. Uma alerta importante que preciso fazer é que, cada finalidade se encontra na outra. Assim, embora eu escolha apenas uma para seguir refletindo, as outras estarão sempre embutidas nela.

Dito isso, abordarei mais especificamente a finalidade educativa para, a partir dela, destacar como o conto africano entrelaça saberes geográficos.

Existem alguns elementos específicos no conto cuja tessitura permite ao contador atingir seu objetivo educativo. É a partir desses mesmos elementos que posso realizar uma leitura geográfica do conto. Esses elementos são: os personagens, o tempo e o espaço. Esses três elementos são articulados no conto de forma complexa e tensa para deixar fluir a percepção e o enraizamento de valores socioculturais, mas, também, sócio geográficos.

Os personagens no conto africano

É comum as pessoas identificarem dois tipos de personagens nos contos africanos: os seres humanos e os animais. Mas, o que costuma escapar ao olhar e ao ouvido das pessoas são os outros *personagens do entremundo*.

Chamo de *personagens do entremundo*, aqueles personagens que fazem a fusão/elo entre o mundo visível e o mundo invisível. Eles existem e habitam a priori o espaço/mundo invisível, mas, conseguem penetrar o espaço/mundo visível para realizar ações pontuais.

Esses personagens são considerados entidades sagradas. São por exemplo: os gênios, os ancestrais/pessoas falecidas, espíritos, etc.

É preciso lembrar neste ponto, que a vida na visão ancestral africana de mundo, não se limita à realidade material concreta, nem apenas aos seres humanos e aos outros seres vivos com quais compartilham a morada terrestre e celeste.

O elo vital que funda uma hierarquia ôntica pelo grau de participação na vida que vem de Deus através dos ancestrais. No topo está, portanto, Deus, fonte e criador de todas as coisas, depois

vêm os ancestrais (Bakole, Bakulu, Bankambwa, Bakishi, Mikishi), depois os homens (anciões dos clãs, os mais velhos e os outros), depois os animais e "plantas". O reino mineral e a natureza-morta ocupam o nível mais baixo nesta hierarquia ôntica (TSHIAMALENGA NTUMBA apud MBAYO MBAYO, 2017, p. 75).

Ressalto que "homem" aqui remete aos seres humanos e não apenas ao sujeito do sexo masculino. Esse trecho busca elucidar alguns dos elementos que participam da vida, pensado a partir da filosofia africana ubuntu.

O mais pertinente é perceber como a dimensão da vida abrange um todo cosmológico. Mas, a partir dessa fala do autor, consigo começar trazer à tona os saberes geográficos presentes nos contos africanos. Sendo que, cada um dos elementos presentes na citação, em sua maioria, pode ser encontrado no conto que se encontra no início deste texto: os personagens na sua relação com o tempo e com o espaço. É essa trama que o contador apresenta ao seu público – seja ele infantil ou adulto – durante a contação.

Indo mais adiante com os personagens do conto, cada um deles aparece no intuito de representar de forma metafórica a vida e as sociedades humanas através do tempo e do espaço. Assim, quando os personagens são seres humanos, é importante prestar atenção nas funções que desempenham no conto e na sua relação com todo o resto. *"Ele foi direto para a casa do rei Seydou, chefe da terra e vassalo do grande Rei de Soulé."* Ou ainda *Um dia, um criador de boi que costumava ir lambar gulosamente as delicias das flores e das frutas selvagens se aventurou na montanha mais longe do que costumava.*

Um rei/rainha, um imperador/imperatriz, um trabalhador(a) qualquer, um esquizofrênico(a), um curandeiro(a), um ferreiro(a), um agricultor(a), um artesão(ã), crianças, jovens, adolescentes, mulheres, pais, órfãos, viúvos, etc. ninguém está aí por acaso. Considerando o conto no início deste texto, é impossível se debruçar sobre a função do chefe, do rei, do criador, do eremita, etc. sem que sejam mobilizados saberes geográficos específicos. Mas, voltarei a isso logo.

Tratando-se dos animais, a lógica é a mesma. Eles estão aí representando ao mesmo tempo o mundo animal, mas, também comportamentos humanos. Esse comportamento humano representado pelos animais diz tanto sobre práticas cotidianas quanto sobre personalidades humanas. A hiena sempre se comportando como a mais esperta e que por fim acaba se dando mal. O Coelho como o mais inteligente nos contos e que também acaba encontrando mais inteligente do que ele. Os felinos demonstrando quase sempre força e realeza, a víbora espalhando sua malícia, etc. Cada animal no conto convida o ouvinte a olhar para dentro de si e avaliar seu próprio comportamento na sociedade.

Mas, as possibilidades de tessitura de saberes geográficos que os contos abrem para crianças,

jovens e adultos, não são necessariamente sobre personalidade animal/humana. Antes de mais nada, é sobre a maneira como os personagens do conto – animais, seres humanos, entidades sagradas – compõem o tecido socioespacial. Qual o espaço/território ocupado pelos humanos? E pelos animais? Qual a relação entre eles? Em quais lugares se encontra determinados bichos, seres, e por que? Qual foi o comportamento dos humanos em relação a esses bichos e qual a atitude esperada do ouvinte pelo conto?

No reino de Soulé, em uma caverna localizada em um dos lados de uma montanha queimada pelo sol, chicoteada pelos ventos ou batida pelas chuvas, vivia um eremita chamado Soly. Ele só se alimentava de frutas selvagens e de mel dourado. Ele bebia apenas água de nascente e só saía para passear na floresta apenas no momento em que as abelhas estivessem coletando o pólen. (...) Um dia, um criador de boi que costumava ir lambe gulosamente as delícias das flores e das frutas selvagens se aventurou na montanha mais longe do que costumava.

No lugar do eremita e do criador podia ser, por exemplo, um caçador ou caçadores. Neste ponto, o conto necessariamente convida o ouvinte a exercitar sua leitura socioespacial. Porque, geralmente, os caçadores dos contos africanos não praticam apenas a caça. Mas, conhecem os animais, sabem identificar seus gritos e ler seus rastros. Conhecem as virtudes das plantas e folhas do território em que estão praticando a caça e se servem dos seus poderes de cura quando há necessidade. Eles também sabem como interagir com os personagens do *entremundo* caso vierem a penetrar seus territórios no mundo concreto.

Portanto, de um lado, o conto, implicitamente, provoca o despertar da consciência geográfica das crianças e dos adolescentes sedimentando aos poucos, saberes sócio geográficos neles. Tais como: os elementos e recursos do território em que vivem e a relação que devem manter com eles. Por outro lado, ele reforça e renova esses saberes nos adultos que têm a possibilidades de resignificá-lo conforme a fase de vida que estão vivendo.

O espaço no conto africano

O conto sempre traz espacialidade e territorialidade em sua narrativa. Quais são então esses espaços e territórios?

A aldeia/vilarejo, o reino, o império, a cidade, o campo, a plantação, a floresta, a floresta sagrada, o rio, o rio sagrado, as planícies, colinas e montanhas, a gruta, etc. costuma ser o palco dos acontecimentos dos contos africanos. Tudo depende da escala aplicada pelo contador(a).

Ao mesmo tempo que o conto fala de um rei/rainha, ele fala também do seu território, dos seus

recursos, da gestão desses recursos, da sua relação com os sujeitos do reino e com os reinos vizinhos. Quando o conto apresenta um conflito, ele explica também seus motivos e suas implicações.

As florestas sagradas, rio sagrados, espécies vegetais sagradas, constituem os territórios das entidades do *entremundo*. Só estão autorizadas a transitar nesses lugares, pessoas devidamente iniciadas ou em processo de iniciação. Mas, é importante cunhar mais fundo e entender o motivo da sacralização de um determinado lugar no conto.

A existência de territórios sagrados alerta o ouvinte para a existência de entidades espirituais/imateriais. Mas, não se limita a isso. Sua outra função no mundo concreto é a proteção desses lugares/territórios. Foi por esse meio que florestas e espécies raras foram protegidas na África durante milhares de anos. Foi assim que era evitado a poluição dos rios e, conseqüentemente, das bacias hidrográficas.

Dito de outra forma, a criança educada por meio dos contos não aprende apenas a (re)conhecer o território em que vive, mas, também aprende a dinâmica desses territórios e sua importância para a vida do seu povo e também dos seres humanos em geral. Ele desenvolve progressivamente a consciência socioespacial, ecológica aprendendo como a natureza produz os seres humanos, e como e por que ela deve receber o cuidado dos seres humanos.

O tempo nos contos africanos

A visão africana ancestral de mundo implica uma determinada temporalidade. O tempo, nas sociedades africanas ancestrais era tudo menos linear e cronológico no sentido ocidental. Ele começou a ser visto como tal, a partir da colonização europeia na África. Mesmo assim, a relação com ele continua sendo, na maior parte do tempo, as estabelecidas pelos ancestrais. Embora a vida moderna e seu ritmo acelerado nos grandes centros urbanos africanos o impactou consideravelmente.

Partindo dessa ressalva, é importante salientar que o tempo na visão ancestral africana é cíclico e se alinha com os movimentos dos astros, cujo astro principal é o sol. Basta olhar para as línguas africanas para ter uma verificação imediata dessa afirmação.

Por exemplo, em língua fongbè, não se pergunta para uma pessoa que prometeu uma visita – só depois da colonização ter feito sua obra – em que hora ela chegará. Mas digamos “*hwe té nù a nà wá?*”. Quer dizer “em que sol você chegará?”. Da mesma forma, não perguntamos “em que mês você chegará?”, mas, “em que lua você chegará”. Tampouco perguntamos, “em que ano estamos?”, mas “em

que festa estamos”. Sendo o final e o início de um ano marcada por grandes festas para celebrar o fim de um ciclo e recomeço de outro ciclo. Pela mesma ocasião, invocar a proteção e a benção divina assim como a dos ancestrais que estão ocupando o *entremundo*. Citando Faik-Nzuji (1993), Mbayo Mbayo (2017) escreve o seguinte:

Em alguns de seus aspectos, o sol representa, na maioria dos símbolos africanos, o espírito superior do qual emanam todos os astros. Ele é o símbolo mais representativo do Deus criador, pois sua grandeza revela e confirma a existência de um criador maior que ele. Contando entre os princípios dinâmicos essenciais, o sol é masculino em relação aos outros astros, em particular em relação à lua que é sua “esposa”. É quente, fonte de luz e calor vivificantes. Ele é o astro que mede o tempo. Em um grande número de línguas africanas, o tempo e o sol são designados pela mesma palavra. (MBAYO MBAYO, 2017, p. 42). Está desvelado assim, o papel fundamental que o sol sempre desempenhou nas culturas e tradições africanas e continua desempenhando. Antes do Egito antigo, durante o Egito antigo e depois dele, os africanos continuam cunhando a compreensão dos mistérios da vida em todos os seus sentidos. E o sol sempre foi incontornável nesse processo. A sua presença nos contos e nos outros gêneros literários africanos, busca despertar essa consciência temporal/astral/cósmica nas crianças. Essa consciência pode ser aprofundada ao longo da vida e, mais especificamente, durante a iniciação, para aqueles que participarem desse processo.

Portanto, nos contos africanos, a medida do tempo não é realizada pelo relógio. Mas, pela movimentação do sol e dos astros. A sucessão dos dias, dos meses – medido pelas fases da lua – e dos anos assim como os acontecimentos são compreendidas e analisadas através desses movimentos astrais. E tem mais.

A relação tempo-espaço é percebida e analisada a partir das estações do ano. Assim, no conto, a sucessão das estações de seca, de chuva; as atividades humanas nesse período – sendo a agricultura e outras atividades do campo – são os principais articuladores da percepção da dinâmica tempo-espaço assim como, a relação desse todo com os seres humanos. Eles definem a celebração de eventos chave como nascimento, união matrimonial, iniciação, festas de plantio e colheitas, ritos funerários, etc. Tudo isso são saberes geográficos mobilizados pelos contos e aos quais os ouvintes acessam e processam durante a contação. Sendo então, o contador(a) como professor/mediador(a) do encontro de ensino-aprendizagem ocasionada pela noite de contação iluminada pela lua ou pelo dia aquecido pelo sol.

Considerações finais

Me esforcei em, ao longo deste texto, mostrar como os contos africanos, longe de ser apenas narrativas em busca de “entregar” uma lição de moral a um determinado “receptor”, entrelaçam

saberes diversos e complexos. Sendo os saberes geográficos presentes a todos os níveis dos contos. Para isso, trouxe um conto da área cultural mandinga para exemplificar. Ressalto que as implicações e os eixos de reflexão não teriam sido tão diferentes se eu tivesse escolhido outro conto no lugar daquele que se encontra no início do texto. Mudariam os personagens, a trama, as implicações éticas e estéticas. Porém, ainda seria possível encontrar a presença de alguns conceitos chave da geografia: espaço, tempo, escala. Porque as culturas africanas são um todo, diverso e complexo. Esse todo, com seus saberes milenares, é criteriosamente organizado através de textos cujos valores continuam inestimáveis. E o conto é apenas um desses textos.

Referências

AGUESSY, Honorat. Visões e perspectivas tradicionais. *In: SOW, Alfa I et. al. Introdução à cultura africana*. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 95-136.

BASSONG, Mbog. **Les fondements de la philosophie africaine**. Québec: Kiyikaat, 2014.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **Petit Bodié et les autres contes de la savane**. Paris: Stock, 1994.

MBAYO MBAYO, Joseph. **Bumuntu ou l'aculture de l'excellence. Les prolégomènes**. Louvain-la-Neuve: l'Harmatant, 2017.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii, 2012.